

10955 - Manejo de buritizais (*Mauritia flexuosa*) e segurança pessoal na coleta e no processamento: produtores familiares rurais de Palmeira do Piauí-PI

*Management buritizais (*Mauritia flexuosa*) and personal security in the collection and processing: family farmers of Palmeira do Piauí-PI.*

BESSA, N. G. F de¹; PAREJA, E²

1 Fundação Centro Universitário UnirG, Gurupi-TO, Brasil, Doutoranda em Biologia, UA-Portugal/Ecotropical-IE/UFT, Palmas-TO. e-mail: eduambiental@unirg.edu.br

2 Instituto Ecológica, Palmas-TO, Brasil, Doutoranda em Biologia, UA-Portugal/Ecotropical-IE/UFT, Palmas-TO. e-mail: elianapesquisa@ecologica.org.br

Resumo: o artigo trata da intervenção participativa, abordagem qualitativa, sobre o manejo dos buritizais de Palmeira do Piauí-PI, com ênfase na sustentabilidade e na segurança pessoal dos grupos familiares extrativistas nas etapas de coleta e de processamento artesanal de buriti. Decorreu de projeto (2009-2011) definido junto com a Comissão de Produtores de Óleo de Buriti local, contemplando premissas do agroextrativismo - especificidades sociais, culturais e econômicas. Há relevância contextual - bioma cerrado ameaçado por grandes projetos agrícolas (soja). O manejo observado é inadequado (queimadas, desequilíbrio populacional, degradação de nascentes). A operacionalização das atividades ocorre com prejuízos para saúde humana: Avaliação de Risco (AR) mostrou risco crítico e não aceitável ($8 \leq AR \leq 6$), embora com conseqüências de baixa complexidade. Há identidade cultural local e conhecimento comunitário empírico e, mais recentemente, a atividade tem potencial de intensificação de valor e renda para as famílias produtoras locais e existe aproximação com os saberes científicos e organização social.

Palavras -Chave: Agroecologia, extrativismo, EPI, extensão rural, sustentabilidade.

Abstract: *The article deals with the participatory intervention, a qualitative approach on the management of Palm buritizais Piauí-PI, with an emphasis on sustainability and personal safety of family groups in the extraction phases of collection and processing craft buriti. Project took place (2009-2011) set with the Commission Producers Oil Buriti place, beholding the premises extractivism - specific social, cultural and economic. There are contextual relevance - cerrado threatened by large agricultural projects (soy). The management is inadequate observed (fires, population imbalance, degradation of water sources). The implementation of the activities occurs with damage to human health: Risk Assessment (RA) showed a critical and unacceptable risk ($8 \leq AR \leq 6$), albeit with consequences of low complexity. There are local cultural identity and community knowledge and empirical, more recently, the activity has the potential for increased value and income for families and there is local production approach to scientific knowledge and social organization.*

Key Words: *Agroecology, extraction, EPI, rural extension, sustainabilit.*

Introdução

O buritizeiro (*Mauritia flexuosa* L.) é associado a solos mal drenados (brejosos) do Brasil central, áreas de preservação ambiental, tipicamente do Bioma Cerrado e dossel variando

de 12 a 20m de altura (Ribeiro e Walter, 2008), predominantemente dióica. Em Palmeira do Piauí, sudoeste do Estado do Piauí, o extrativismo dessa planta visando obtenção do óleo (azeite) é prática que remonta do século XIX e tem melhorado a perspectiva comercial para esse produto. Trata-se de uma opção local para uma região do Bioma Cerrado sob forte pressão antropica em razão da intensificação (2/3 da área total do município) a partir de 1990 de grandes projetos agrícolas (soja) no alto da Chapada do Uruçuí (Lorenz, 2011), região de abrangência direta dos buritizais. Faz parte do sistema produtivo de subsistência local juntamente com plantio de cana para fabricação de cachaça, mandioca para produção de farinha e derivados, além da criação extensiva de gado. A forma tradicional de manejo dos buritizais não é sustentável e sofre eminentes ameaças como queimadas, desmatamento, degradação de nascentes e desequilíbrio populacional. Nas etapas de coleta e de processamento do buriti, realizadas pelo grupo familiar com uso mínimo de insumos de segurança pessoal, tem-se riscos e danos decorrentes da atividade. O objetivo do estudo foi abordar sobre o manejo dos buritizais de Palmeira do Piauí-PI, com ênfase na sustentabilidade e na segurança pessoal dos grupos familiares extrativistas nas etapas de coleta e de processamento artesanal de buriti. Esta é uma abordagem que carece de maior ênfase no âmbito do extrativismo e está dentre as premissas da produção agroextrativista, com suas especificidades sociais, culturais e econômicas.

Metodologia

Realizou-se intervenção participativa por meio de oficinas (Alencar, 1990; Santos, 2003) sobre coleta sustentável e segura junto a comunidades extrativistas locais (Brejo Novo, Cocal/Anajá, Exu, Alto Uruçuí), como parte de um projeto de desenvolvimento local sustentável para a cadeia produtiva do Buriti, realizado de 2009 a 2011 pelo IE, ONG, Palmas-TO, definido pela Comissão de Produtores de óleo de Buriti de Palmeira do Piauí-PI. O município tem 2.152 km², população de 5.199 habitantes, renda média de 1 salário mínimo e com 73% da população residindo no meio rural. Os buritizais são predominantes nos baixios e nas matas ciliares, nos amplos vales dos rios Gurguéia e Uruçuí Preto, componentes do rio Parnaíba - segundo maior rio do Nordeste - onde a topografia é suavemente ondulada.

A concepção da intervenção foi pautada na problematização e na construção participativa das soluções pelos grupos, com fechamento das questões realizadas pelo mediador – agente educacional externo (Freire, 1983). Foi realizada visita de campo nos buritizais de cada comunidade, acompanhada por líder local. Nas oficinas o debate foi direcionado por temas geradores, saberes locais, partilha de conhecimentos e experiências, com posterior restituição dos resultados para os demais participantes e fechamento das questões, com registros em flip chart. Para avaliação de riscos e danos associados às práticas na coleta e no processamento do Buriti foi elaborada uma Planilha de Identificação de Perigos e Avaliação de Riscos para cada etapa com os seguintes indicadores: operacionalização da atividade, riscos (físico, do esforço do trabalho, de acidentes, químicos, biológicos) e danos decorrentes, além da indicação de medida a ser adotada pelos grupos coletores. A probabilidade (P) de ocorrência do dano e da consequência (C) foram avaliadas adotando uma escala de notas de 1 (probabilidade e consequência mínima) até 5 (probabilidade e consequência máxima), atribuídas pela comunidade, resultando na análise do risco ($AR = P \times C$) e por sua vez na avaliação do risco (AR). Este indicador foi definido considerando a análise do risco e o critério de aceitabilidade em cada etapa da atividade, sendo: $AR \leq 6$, baixo grau de risco e aceitabilidade; $8 < AR \leq 12$ risco moderado e não aceitável e $8 \leq AR \leq 6$ risco crítico e não aceitável, onde ambos os casos requer adoção de medidas de

segurança. Apenas o cálculo de AR foi feito pelo agente educacional.

Resultados e discussão

O número de participantes das oficinas foi de 49 pessoas sendo mais de mulheres, porém, com homens e juventude, demonstrando o conhecimento e a prática intergeracional. A participação de 03 jovens universitários (biologia, administração, engenharia florestal), filhos de produtores de azeite, são potenciais apoios técnicos e para gestão financeira da atividade. As comunidades estão organizadas no momento por meio de um conselho gestor local e estão mobilizadas para definições quanto a questão organizacional (associação ou cooperativa). Existe muita desinformação quanto aos aspectos ecológicos e de manejo. Tem como ponto forte a identificação cultural e o conhecimento comunitário empírico acerca da produção e, em curto prazo, a organização social.

Os vários usos dos buritizais foram relatados por meio da apresentação individual significativa (qual a parte do buritizeiro que gostaria de ser e porque - evidencia de conhecimento e perfil das pessoas), sendo: tronco do buritizeiro e sustentação; folha e proteção; fruto e visão de renda (recurso financeiro) e de alimentação; fibra e visão da utilidade; raiz e sustentação; braço e sustentação. As pessoas são: referencias, seja pela idade ou mesmo pela liderança; tem visão da agregação da renda por meio do óleo de buriti assim como o enxergam como complemento alimentar (doce) e demais utilidades (móveis). Os usos referidos confirmam o foco regional (azeite), a diversidade de usos, a pouca informação sobre o aproveitamento dos resíduos.

Realizou-se a identificação quanto ao manejo dos buritizais de forma a subsidiar conceitos de manejo, coleta sustentável e segura (EPI), sendo: frutos coletados no chão/pé da planta ao invés da retirada do cacho, o que é bastante positivo do ponto de vista da sustentabilidade; limpeza do local por meio da foice ou queimada e ainda associando a esta finalidade a limpeza para outros cultivos; retirada dos frutos caídos, das cuncas, folhas e vegetação forrageira; desequilíbrio entre plantas adultas, machos e fêmeas com ausência ou pouca presença de plântulas infantis e juvenis, estando comprometida a regeneração natural dos buritizais. Há o entendimento da alternância de produção, ou seja, safras fortes a cada 02 anos. Dentre os locais de coleta, têm-se as nascentes, estando estas degradadas e, nas Comunidades Alto e Anajá/Cocal, a consciencia coletiva quanto a necessidade de recuperação foi mais evidente. Todos percebem que este é um fator de ameaça para os buritizais, assim como as queimadas, o uso do gado pastoreando sem proteção dos “pés” de buritis novos, a presença do “arrendeiro” cultivando os brejos com cana. As responsabilidades foram provocadas e foi estimulado nos grupos posturas (agir) em favor da recuperação dos buritizais.

As práticas utilizadas por comunidades extrativistas não contemplam minimamente cuidados relativos a segurança e a conservação da saúde dos (as) trabalhadores (as) na operacionalização das atividades. No Brasil essa é uma prática ainda pouco conhecida no meio rural, especialmente no âmbito da agricultura familiar, embora haja regulamentação na legislação brasileira por meio das Normativas Regulamentadoras Rurais (NRR) do Ministério do Trabalho e do Emprego, com previsão dos usos do Equipamento de Proteção Individual (EPI). Trata-se da NRR 4 154.000-9, onde se conceitua o EPI como sendo “todo dispositivo de uso individual destinado a preservar e proteger a integridade física do trabalhador”. No extrativismo dos buritizais de Palmeira do Piauí essa é uma

norma desconhecida e os (as) produtores (as) se protegem minimamente no cotidiano das suas atividades rurais. Na inexistência da relação empregado-empregador da atividade em questão, as responsabilidades são individuais, porém, os interesses podem ter motivação coletiva, por exemplo, mediante a uma futura certificação do produto azeite do buriti. Em todas as comunidades foi composto o EPI, com destaque para as responsabilidades (produtores autônomos) e visão de futuro (requisito para certificação). Houve percepção quanto aos riscos e aos danos, ênfase ao uso local mínimo do equipamento de proteção e concepções da proteção (cabeça, olhos, face, vias respiratórias, membros superiores e inferiores, tronco, quedas com diferença de nível), além das formas de prevenção de agravos musculares e coluna. Os EPIs resultantes foram adequados à realidade e coerente com o nível de renda atual das comunidades, priorizando a utilização de acessórios da própria comunidade e complementares (botas de cano longo ou caneleiras, viseiras, máscaras). Relatos de casos ilustraram as discussões: picada de cobra, formigas – alergias, corte nas mãos e nos braços, parte significativa da comunidade sente dor nos olhos – com comprovação médica de causa associada a fumaça e ao vapor advindos do cozimento para obtenção do azeite; queimaduras das partes do corpo, dores crônicas decorrentes do esforço físico. Estimulou o grupo e fazer compra coletiva de alguns equipamentos, como viseira, caneleira, bota de cano longo, luvas de plástico e pedreiro e adequar alguns já existentes, como bonés, proteção da face. A comunidade se comprometeu a utilizar os EPIs e a probabilidade (P) de ocorrer perigos (riscos/danos) na coleta foi de 3 e no processamento foi de 4, com conseqüências (C) de complexidade baixa, ou seja, nota 2, embora tendo a seguinte Avaliação do Risco (Px C): $8 \leq AR \leq 6$ (risco crítico e não aceitável).

É possível associar a conservação das florestas tropicais ao desenvolvimento rural, pois além de serem compatíveis podem também ser mutuamente benéficos (Benati, 2003; Saraiva, 2009), desde que a exploração seja de forma cada vez mais consciente e responsável levando em conta, inclusive, a segurança do trabalhador no contexto do extrativismo sustentável.

Conclusão

A prática educacional utilizada contribuiu para que a própria comunidade adquirisse condições para concretizar o conjunto de boas práticas de manejo dos buritizais e operacionalização segura das atividades de coleta e processamento. Estes são componentes importantes da produção agroextrativista, com suas especificidades sociais, culturais e econômicas. Percebeu-se que as capacidades locais estão latentes, porém, com uma grande lacuna indispensável nos processos de desenvolvimento local, que é desarticulação dos agentes locais (governos, órgãos ambientais e de extensão, organizações locais).

Sugere-se para o próximo passo, a viabilização de um plano de manejo concebido na perspectiva de atendimento das multidimensões (econômica, social, ambiental, cultural, política e ética) intrínsecas da sustentabilidade. Condições favorecedoras do reconhecimento dos saberes da comunidade, seguidas de apropriação do que é novo, possibilitam mudança e adoção de novas posturas frente aos desafios da agroecologia enquanto prática sustentável e integradora de saberes e experiências da agricultura familiar.

Agradecimentos

- A Empresa Natura Cosméticos (Medida Provisória 2186-16/2001) - repartição de benefícios - patrocínio do projeto junto à Comissão de Produtores de Óleo Buriti de Palmeira do Piauí-PI.
- A Comissão de Produtores de Óleo Buriti, composta essencialmente por produtores familiares locais, pela motivação em revitalizar seus buritizais bem como por compartilhar seus valiosos saberes.
- Ao Instituto Ecológica de Palmas, ONG, Tocantins, que implementou o projeto de desenvolvimento local em Palmeira do Piauí-PI.

Bibliografia Citada

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

SANTOS, T. M. S. Estratégias de comunicação para o desenvolvimento local e os desafios da sustentabilidade. In: LIMA, J.R.T.(Org). **Extensão rural e desenvolvimento sustentável**. Recife: Bagaço, 2003, p. 9-23.

ALENCAR, E. **Intervenção Tutorial ou participativa: dois enfoques da extensão rural**. Cad. Adm. Rural. Lavras: UFLA. 2(1):23-43, jan/jun 1990.

BENATTI, J. H. **Posse agroecológica e manejo florestal**. Curitiba: Juruá, 2003

LORENZ, S. **A cultura do buriti no município de Palmeira do Piauí**. Intergraf: São Paulo-SP. 2011. 98p.

SARAIVA, N.A. **Manejo Sustentável e Potencial Econômico da Extração do Buriti nos Lençóis Maranhenses**. CDS: UnB. Brasília, 2009. (Dissertação de Mestrado). 142p.

RIBEIRO, F. J.; WALTER, B.M.T. As principais fitofisionomias do Bioma Cerrado. p.153-211. In: **Cerrado: ecologia e flora**. Embrapa: Cerrados – Brasília/DF. (Informação Tecnológica). 2008.